

APARÊNCIA E REALIDADE SOCIAL NO BRASIL: O CASO DE TEUTÔNIA

Cleci Eulália Favaro Klein

INTRODUÇÃO

1 — O Tema

Este trabalho não pretende ser exaustivo; é, na realidade, uma primeira abordagem sobre um tema ainda pouco estudado, dentro do processo de formação da sociedade rio-grandense.

Muito tem sido escrito a respeito da política de imigração e colonização do Rio Grande do Sul, especialmente no que se refere à vinda dos elementos de origem alemã e italiana: o sucesso do empreendimento, o papel de destaque do imigrante, seja na economia, seja na política, o grau de desenvolvimento alcançado pelas comunidades ressaltam tanto na literatura, como na historiografia, em obras de cunho sociológico ou com enfoque econômico; é a força da comunidade de origem européia — que resolveu de modo satisfatório seus problemas de acomodação e assimilação — a geradora da dinâmica do Estado.

Entretanto, por fatores os mais diversos, combinados de maneira particular, algumas formações sociais não atingiram o nível de desenvolvimento desejado. Ao invés de apresentarem, como produto de um longo processo, um grau razoável de unidade e segurança sociais e, após, decolarem para o crescimento do grupo como um todo, demonstram, hoje, características próprias de uma sociedade desorganizada, o que se manifesta em tensão latente, em inquietude, ou imobilismo.

É evidente que, em determinadas etapas da vida das comunidades, podem ocorrer períodos de crise. A ordem interna é abalada, criam-se novas necessidades para o grupo social, e, paulatinamente, havendo uma relativa coesão entre os seus componentes, a harmonia retorna.

Por vezes, ao contrário, a coesão interna já não mais existe e a sociedade, assim dividida, passa a externar, de forma violenta, sua profunda desorganização.¹

Este é o caso de Teutônia. Município emancipado de Estrela pelo plebiscito de 24 de maio de 1981 e criado pela Lei Estadual nº 7542, de 5 de outubro de 1981, estende-se por uma área de 273 km², abrangendo os distritos de Teutônia, Languiru e Canabarro.

O censo de 1980² apontou 12.198 habitantes, distribuídos em razoável equilíbrio entre os núcleos urbanos e a área rural (embora com predomínio desta).

Organizado em regime de pequena propriedade, desde o início do povoamento da região, apresenta, hoje, 2.089 propriedades agrícolas minifundiárias.³ Nos núcleos urbanos de Languiru, Teutônia e Canabarro estão instaladas várias empresas industriais, comerciais e inúmeros artesanatos autônomos.⁴ o que permite a manutenção de altas taxas de emprego.

Teoricamente, Teutônia dispõe dos requisitos necessários à existência, como grupo social, de uma razoável harmonia interna: origem étnica comum, a mesma forma de expressão lingüística, credo religioso majoritariamente evangélico, equilíbrio entre a população das áreas urbana e rural, ausência de marginalidade, mendicância e desemprego.

Entretanto, ocorre em Teutônia um dos mais altos índices de suicídios do Brasil. Veja-se que, entre os anos de 1967 e 1977, ocorreram 275 óbitos, dos quais 9,45% por suicídio,⁵ enquanto a taxa de suicídios, para cada cem mil habitantes, no caso brasileiro, oscilou, no mesmo período, entre 3,9 e 4,1.⁶

Diante dessa constatação, torna-se relevante a necessidade de aprofundar estudos sobre a problemática das formações sociais que desorganizadas ou em vias de desorganização, estão a exigir medidas que impeçam sua estagnação ou mesmo seu desaparecimento.

2 — Referencial teórico

“Visto que o suicídio é um fato do indivíduo que apenas afeta o indivíduo, dir-se-ia que depende apenas de fatores pessoais e que o estudo de tal fenômeno se situa no campo de psicologia”.⁷

Tão antigo como o homem, o suicídio, hoje, assume um papel de primeiro plano, tanto pelas dimensões trágicas, que pa-

rece configurar (quando se observam os dados estatísticos), como pelas novas formas de suicídio, que não podem ser julgadas pelos critérios do passado.

Sob o ponto de vista da antiga moral cristã,

"a particular gravidade objetiva do gesto suicida — devido ao fato de que, ao suprimir irreparavelmente a vida física, ficava comprometida a salvação espiritual... — favorecia a preservação da existência de culpa no sujeito".⁸

Estudos recentes realizados nas mais diversas áreas do conhecimento humano, conduzindo a descobertas psico-sociológicas e a preocupações humanitárias e jurídicas, concluíram pela eliminação da responsabilidade do suicida ao afirmar que: "a vida é um bem tão grande e tão querido que nada realiza o gesto suicida se se está são de mente,"⁹ o que significa, em última análise, que só os loucos se suicidam, e que eles, portanto, são dignos de pena e não de culpa.

Durkheim, em seu profundo estudo sobre o problema, na Europa do século XIX, coloca que

"em vez de vermos neles (no suicídios) apenas acontecimentos particulares, isolados uns dos outros e que necessitam cada um por si de um exame particular, considerarmos o **conjunto** dos suicídios cometidos numa sociedade dada, durante uma unidade de tempo dada, constaremos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, um todo de coleção, mas que constitui em si um fato novo e sui-generis, que possui a sua individualidade, a sua natureza própria por conseguinte, e que, além disso, tal natureza é eminentemente social."¹⁰

Apoiando as afirmações de Durkheim, teólogos e especialistas em medicina psiquiátrica moderna dizem que "aquele que tira sua vida é vítima do ambiente social em que vive."¹¹ Optando pela eliminação da responsabilidade pessoal e moral do suicida sobre seu próprio gesto, colocam sobre os ombros do grupo social, como um conjunto orgânico, o ônus do suicídio.

Segundo Durkheim, o suicídio nas sociedades só pode ser imputado a causas propriamente sociais¹², afirmação completada, mas em outro nível, por L. Rossi, quando afirma que a sociedade consumista moderna propõe a seus membros "valores" que não satisfazem as exigências mais profundas do ser humano (bem-estar, afirmação pessoal, riqueza, hedonismo, culto da personalidade, etc)... fazendo, paralelamente, bem pouco à formação do caráter dos cidadãos... para o fortalecimento das próprias estruturas psíquicas...; é uma sociedade... que freia e inibe a agressividade individual, sem oferecer em troca a possibilidade de canalizá-la em sentido aceitável e produtivo.¹³

A sociedade, composta por seres humanos que se inter-relacionam e interagem, é um organismo vivo e, conseqüentemente, em constante mutação. Como qualquer organismo vivo, possui, também, elementos que permitem a promoção do grupo (se houver harmonia) ou sua decadência, já que, em todas as formações sociais, existem, em estado latente, processos de desorganização.

Qual o ponto, então, em que tais processos deixam de compor o quadro dito "normal" do grupo, para começar a indicar uma anormalidade a merecer especial atenção?

Durkheim, ao procurar respostas para a questão da desorganização das sociedades e, como manifestação da desordem, a presença de elevada taxa de suicídios, diz que

"os homens que se matam tanto podem ter sofrido desgostos familiares ou decepções de amor-próprio, como podem ter passado pela miséria ou pela doença ou ainda arrastarem o fardo de um erro moral, etc...; no entanto, estas particularidades individuais não explicam a **taxa social dos suicídios**; na realidade, esta varia em proporções consideráveis, enquanto as diversas combinações de circunstâncias, que deste modo surgem como antecedentes imediatos dos suicídios particulares, apresentam sensivelmente a mesma freqüência relativa".¹⁴

Evidentemente, podem ocorrer — e ocorrem — suicídios psicopáticos (de tipo maniaco, melancólico, obsessivo, impulsivo) desprovidos de qualquer motivo ou por motivos puramente imaginários; ocorrem, também, grande número de mor-

tes voluntárias, que não se pode enquadrar em qualquer destas situações; a maioria delas não deixam de ter fundamento na realidade: seria esse o caso dos aviadores japoneses (Kamikases), da prática do harakiri, daqueles suicídios inspirados por fé religiosa, crença política, até por sentimentos de ternura exaltada. Os fatos mais diversos e mesmo os mais contraditórios da vida podem servir igualmente de pretexto para o suicídio; isto significa que nenhum deles é a sua causa específica.

Entretanto, se abandonarmos o indivíduo e formos buscar na "natureza das próprias sociedades as causas da inclinação que cada uma delas manifesta para o suicídio, os resultados não serão os mesmos.¹⁵ Os indivíduos, ao levarem a cabo gesto suicida, sem saber que há outros que fazem o mesmo, ou sem que exista aparentemente qualquer acordo entre os atos, o fazem, entretanto, — como se obedecessem a uma mesma palavra de ordem, como se existisse no meio comum que os rodeia

"uma força qualquer que os determina no mesmo sentido e cuja intensidade, mais ou menos acentuada, motiva um maior ou menor número de suicídios particulares, cujos efeitos variam, exclusivamente, consoante o estado do meio social".¹⁶

3 — Hipótese — diretriz

Felippe A. de Miranda Rosa, em seu livro "Patologia Social",¹⁷ propõe algumas questões para reflexão, aproveitadas, no contexto deste trabalho, para servir de fio-condutor do tema a ser desenvolvido:

- 1 — Certo grau de estabilidade é necessário à existência de um grupo social bem sucedido, ou seja, de um grupo social bem organizado. É de observar, contudo, que estabilidade não significa estagnação, imobilismo.

Todo grupo se mantém em permanente estado de modificação. Sob este aspecto a instabilidade (guardadas as medidas de moderação indispensável) é o normal.

Somente quando a instabilidade social é levada a extremos de qualquer espécie, ou quando o inconformismo ameaça o equilíbrio social, é que se patenteia um processo de desorganização de caráter patológico, tendente a desfazer as estruturas e o sistema de relações e interações internas do grupo.

- 2 — Para que haja equilíbrio de tensões internas e externas, normais, portanto, na dinâmica das sociedades humanas, contribui o grau de integração cultural do grupo.
- 3 — Numa sociedade estável, relativamente isolada de violentas transformações sócio-econômicas, verifica-se um processo lento e constante, muitas vezes não-percebido, através do qual, face às pressões e aos fatores de natureza externa, os costumes e as intuições se modificam em direção de um ajustamento eficiente às condições do meio físico, sejam as decorrentes da interação com outras sociedades.
- 4 — Por outro lado, frente a fatores internos, os costumes e as instituições da sociedade se alteram rumo à consistência recíproca das diferentes práticas que se ajustem umas às outras, harmonizando-se num todo.
- 5 — Se houver bastante tempo e não atuarem sobre este processo mudanças significativas nas condições do meio, acentuar-se-á uma tendência para uma integração quase perfeita, em que a interdependência dos usos e costumes e práticas se tornaria mais aguda. Tal estado de integração cultural tende a uma uniformidade de vida.
- 6 — Nessas sociedades, geralmente isoladas ou de reduzidas formas de comunicação externa, nota-se que são raros os desvios mais sérios dos modelos convencionais de comportamento. (A criminalidade se apresenta quase inexistente e algumas formas de comportamento mais agudamente anti-social se tornam até mesmo desconhecidas).
- 7 — O costume controla quase todo o comportamento dos membros do grupo, através de pressões exercidas pela censura coletiva, pelo ridículo e pelos diversos recursos informais (que vão do olhar de mofa ao sorriso e ao tratamento frio e distante).

Assim, quanto mais integrado, harmonioso, estável o meio social, tanto mais poderosa a sua força condicionante pelos costumes e instituições, e tanto menores as incidências de desvios de comportamento.

- 8 — Outro aspecto que deve ser mencionado em conexão

com as sociedades bem organizadas é o sentido de continuidade cultural, que nelas se manifesta muito forte.

Quanto maior a estabilidade do grupo, quanto mais intensa a sua integração cultural, através de uma harmonia interna e uma uniformidade de costumes e instituições, tanto mais contínua é a sua transmissão de fatores e elementos culturais.

- 9 — Em tais sociedades existe uma acentuada tendência para a prevalência dos interesses da sociedade sobre os interesses individuais. Quando há uma forte unidade social, o sentimento de que os interesses da sociedade predominam sobre os interesses individuais prevalece, mesmo com o sacrifício quase completo destes últimos.
- 10 — Quando, entretanto, começa a ocorrer um sério declínio da integração, da unidade e da harmonia, a ponto de afetar a atuação das funções básicas, tal condição deve ser considerada anormal, ou patológica, ou seja, como um processo de desorganização social.
- 11 — A resistência de tais sociedades, em processo de desorganização social, às pressões externas é sabidamente pequena e, além de apressar o momento de extinção, o processo de desorganização interna se desencadeia muito antes desse ponto final.
- 12 — Veja-se que a existência de processos de desorganização, na moderna sociedade industrial, (quando as mudanças sociais no campo da cultura imaterial não acompanham o mesmo ritmo das mudanças da cultura material), é considerada normal.
- 13 — Entretanto (principalmente, mas não exclusivamente, no que se refere às sociedades estáveis e equilibradas, em que existia acentuado grau de integração e harmonia interna), quando o inconformismo com os padrões habituais de conduta e de vida atinge um nível de maior intensidade, tornando-se progressivamente imoderado e agressivo, manifesta-se claramente o individualismo.

Em tais condições, há um evidente declínio da responsabilidade de cada um face à sociedade como um todo; observa-se, então, o desejo de fuga aos controles e à

supervisão informal da comunidade, deslocando-se da conveniência comum para o interesse individual a ênfase das manifestações visíveis na conduta dos componentes do grupo e até do próprio grupo.

Tais realidades são claro sintoma da existência de processos agravados de desorganização social.

- 14 — O suicídio não é propriamente fenômeno de anormalidade mental, mas um fenômeno de anormalidade de comportamento em face daquilo que constitui o modo costumeiro de conduta, apoiado pelas crenças de que assim é melhor e dominante na sociedade humana.
- 15 — A prática do suicídio, segundo estudos já realizados (DURKHEIM, OGBURN, NIMKOFF, SOROKIN, ZIMMERMANN, etc), é mais elevada nas áreas urbanas do que nas áreas rurais, em virtude das próprias condições de estrutura e funcionamento das sociedades com grande densidade demográfica, e sujeitas às ações e reações da industrialização. É fato reconhecido que o alto índice de suicídios dos grandes aglomerados urbanos é uma indicação segura do desajuste à vida humana.¹⁸
- 16 — No Brasil, entretanto, um dos mais altos índices de suicídios ocorre, justamente, numa sociedade organizada em bases rurais, com grandes possibilidades de integração social, cultural, econômica e religiosa (dadas suas origens comuns) e portadora do menor índice de analfabetismo do país: é o caso de Teutônia.

Diante da impossibilidade de realizar uma abordagem ampla de toda a problemática do suicídio em Teutônia (como externalização do desequilíbrio do grupo social), deverão ser consideradas apenas algumas variáveis, cuja importância, ao longo da pesquisa, logo se evidenciaram:

- 1 — Os elementos de origem germânica, desde os primeiros tempos da imigração para o Rio Grande do Sul, tiveram como preocupação oferecer aos jovens as condições necessárias à sua instrução. Tanto é que as próprias custas, pessoas capazes de assumir a responsabilidade de introduzir seus filhos no campo do conhecimento, via alfabetização.

Teutônia reivindica, atualmente, o título de Município mais alfabetizado do Brasil.¹⁹

Se a instrução é instrumento que uma comunidade pode usar para obter sua coesão interna e, como resposta, sua ascensão social, pretende-se verificar em que medida essa variável, em Teutônia, atua como promotora do grupo.

2 — Uma razoável organização interna é fruto de um processo lento, embora constante, onde os indivíduos interagem através de uma série de controles sociais, de modo a produzir uma certa harmonia e coesão do grupo.

Um relativo isolamento pode contribuir para que se fixem, no grupo, determinadas características, determinados valores, uma certa identidade, o que pode viabilizar, também, a promoção do grupo, como um todo, frente a outras comunidades.

Assim, é objetivo deste trabalho levantar as condições em que os imigrantes vestefalianos se estabeleceram em Teutônia, como se organizaram e como se relacionaram, num segundo momento, com os demais grupos formadores da sociedade rio-grandense.

3 — Segundo o grupo religioso uma das formações sociais que melhor viabiliza a integração dos seus elementos componentes e, sendo os descendentes dos imigrantes vestefalianos basicamente adeptos da Igreja Evangélica, pode-se pressupor a existência, num nível mais elevado, de uma integração social ampla, entre os membros da comunidade de Teutônia, a partir da vivência religiosa.

Pretende-se, a partir do enfoque religioso, observar em que medida a presença do Protestantismo na região propicia a integração daquela sociedade e como atua frente os problemas do grupo, oferecendo soluções.

4 — Teutônia reivindica, também, o título de município portador do maior minifúndio diversificado do Brasil²⁰. Sem pretender aprofundar a pesquisa a respeito da produção minifundiária, torna-se, entretanto, necessária verificar como esse regime de propriedade atua sobre a estrutura familiar, e, em conseqüência, no todo social.

Mas não é objetivo desse trabalho escrever uma História de Teutônia: ela deverá emergir, ao longo do texto, apenas na medida em que servir de elemento de apoio ao que se pretende explicitar.

1 — SUICÍDIO E ISOLAMENTO

Lando e Barros, em seu trabalho **A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**, referindo-se à forma de que se revestiu a chegada, ocupação espaço-territorial e integração dos colonos, oriundos das várias regiões da Alemanha, a partir de meados do século XIX, no Rio Grande do Sul, dizem que "o isolamento em que se encontravam... dificultou em grande parte a integração dos imigrantes à vida rio-grandense".²¹

Essa dificuldade foi agravada pela ausência de vias de comunicação, uma vez que somente aqueles núcleos que se formaram próximo à Capital conseguiam uma relativa interação, seja através das vias navegáveis, seja pelas incipientes estradas dos arredores. Os outros núcleos de povoamento, formados pelas sucessivas levas imigrantes ao longo do século XIX e localizados mais para o interior, "ficavam completamente isolados... formando verdadeiras ilhas".²²

Veja-se que, dada a situação de abandono a que foram relegados no interior da Província, não tinham também condições de participar da vida econômica e política, de maneira que este isolamento passava a ser "não somente geográfico, mas também, e principalmente, social".²³

Simultaneamente, a forma como se organizou a propriedade fundiária, baseada na pequena propriedade, onde cada unidade produtiva contava apenas com a exploração da mão-de-obra familiar, contribuía, ainda mais, para a promoção do seu isolamento. Até mesmo o tipo de produção, caracterizado pela economia de subsistência, além de diferenciar aqueles grupos imigrantes do resto do sistema produtivo da Província, impossibilitava as relações sociais entre nacionais e alemães e o que é mais grave, dos próprios alemães entre si.

Originários de diferentes regiões da Alemanha, diferenciados em seus usos, costumes e dialetos, desenvolveram, ao longo do tempo, formas próprias de convívio social, o que, se num primeiro momento, permitiu um mínimo de integração, contribuiu para isolá-los dos demais grupos sociais da área colonizada e, num sentido mais amplo, da vida da Província e da Nação.

No que se refere, especificamente, à área ocupado pelo município de Teutônia, é voz corrente que os imigrantes vestafalianos e seus descendentes mantinham uma acirrada rivali-

dade com seus compatriotas oriundos do Hunsrück, saídos de São Leopoldo, que também vieram se estabelecer na região. A animosidade era tal que até mesmo os casamentos entre pessoas dos dois grupos encontravam a maior resistência.

A todas essas dificuldades para que se organizassem comunidades integradas, outros problemas se vieram juntar. Jean Roche descreve a situação com clareza:

"A segunda fase da Guerra do Paraguai assinalou-se... pelas façanhas dos soldados e dos chefes rio-grandenses de qualquer origem, pois gaúchos e colonos se haviam alistado, lado a lado... Essas guerras, porém, tiveram conseqüências duplamente desfavoráveis à assimilação dos colonos...

... o Brasil recrutava mercenários na Alemanha. Uma vez licenciados, grande número deles permaneceu no Rio Grande. São conhecidos pelo nome de BRUMMERS. Formaram, nas colônias ou nas cidades, um núcleo de profissões liberais e forneceram os primeiros quadros do DEUTSCHTUM, do germanismo. Sua intervenção deteve os colonos no curto caminho que tinham percorrido para a assimilação."²⁴

Assim, uma longa tradição de isolamento, seja geográfico, lingüístico, étnico ou econômico, impediu alguns grupos sociais de origem germânica de se organizarem em sociedades estáveis e harmônicas, interna e externamente.

Especificamente entre os vestefalianos, o processo de isolamento foi bastante intenso devido à linguagem: o dialeto falado é bastante diferenciado dos demais, uma vez que se aproxima do Inglês. Grande número de palavras, e a própria pronúncia, às vezes, é ininteligível para os outros habitantes da região.

Fica evidenciado, assim, que, ao invés de aproximar os diferentes grupos imigrantes, a linguagem contribuiu para isolá-los, muitas vezes.

Dada à grande distância social entre os vestefalianos e os demais grupos alemães que se estabeleceram na área do atual município de Teutônia e, maior ainda, em relação às outras etnias²⁵, suas características mais marcantes passaram

a ser, ao longo do tempo, acentuadas: o tipo étnico regional, os costumes, a índole, as tradições, credences próprias e peculiares e, naturalmente, a linguagem. Entretanto, ficou sendo marca-registrada do grupo o sapato-de-pau, semelhante ao dos holandeses, produto de seu artesanato; seu uso, hoje folclórico, foi parte integrante da indumentária.

Mas a expressão sapato-de-pau adquiriu notável extensão popular: além de substantiva, quando se refere ao calçado em si, ela assume sentido genérico quando passa a indicar o tipo étnico (vestefaliano) e pode significar, também, o dialeto alemão por eles falado.

Finalmente, pode assumir um sentido adjetivo (pessoas trabalhadeiras, caprichosas) ou até mesmo pejorativo (atrasadas, de pouca cultura, "cabeça-dura", grosseiro, avarento, pessoa de pouco dinheiro), se seu significado se traduz em qualidades ou defeitos.²⁶ Ficam claras, portanto, as condições de isolamento em que os vestefalianos viveram e vivem, uma vez que a imagem que os habitantes da região têm do grupo ainda é a mesma.

E é justamente entre os componentes deste grupo étnico que se encontra a maior taxa social de suicídios da região e, segundo afirmações de pessoas do local, o maior índice de suicídios do país, (dado ainda passível de ser comprovado).²⁷

Outra característica do grupo dos vestefalianos é a presença constante dos casamentos consangüíneos, provavelmente pela sua postura frente aos demais grupos étnicos que se estabeleceram na área, (entre eles, os mais próximos, oriundos de São Leopoldo, os Hunsrück, já eram rivais na Alemanha), desenvolveram o preconceito de grupo, em certa medida, privilegiado pela situação econômica; os bens não poderiam cair em mãos estranhas, daí a consangüineidade: o casamento não se fazia entre pessoas, mas entre propriedades.²⁸

Confirmada pelo Dr. Hércio Pegas, médico do Hospital de Languiru, a existência de casamentos consangüíneos tem resultado, ao longo do tempo, em deficiências físicas e mentais nos descendentes. É importante verificar que, nas chamadas "linhas" por onde se estendeu a população, ou seja, Wink, Clara, Frank, Schmidt, Harmonia, na própria vila de Teutônia, em Olavo Bilac, Silveira Martins, Paissandu os sobrenomes são, praticamente, os mesmos. Da mesma forma, foi nesta

área que, somente na década de 70, ocorreram 32 suicídios²⁹ (as tentivas de suicídio não são registradas oficialmente).

Assim, percebe-se claramente a presença de fortes elementos diferenciadores entre os habitantes do município, o que vem a confirmar, entre os elementos de origem alemã, e também de outras etnias, que não a vestefaliana, o grau de isolamento a que estão submetidos.³⁰

Para confirmar a colocação feita, pode-se verificar que a idade dos entrevistados, por faixas etárias, é bastante abrangente, e que, principalmente entre os jovens, ainda em fase de formação, também ocorre o fenômeno.³¹

Da mesma forma, procurou-se uma população expressiva, em termos de categorias profissionais. Pretende-se ter atingido o maior número possível de atividades.³²

Donald Pierson, a respeito do assunto, diz que:

"Mesmo nas mais favoráveis circunstâncias, a assimilação nunca se completa nos imigrantes de primeira geração... mas também... não se deve pensar que os imigrantes de segunda e de terceira geração assimilaram-se automaticamente. O processo não age de maneira automática, mas apenas em condições favoráveis. A assimilação depende do tipo e do grau de comunicação que se processa entre os imigrantes e seus filhos, de um lado, e os membros da nova sociedade para a qual vieram, do outro".³³

E continua, colocando toda a problemática do isolamento dos grupos sociais:

"Se as relações entre imigrantes e brasileiros forem íntimas, pessoais, e se prolongarem por período de tempo considerável, os indivíduos de origem ou descendência estrangeira facilmente tenderão a identificar-se cada vez mais com a nova cultura. Por outro lado, se os imigrantes e seus descendentes permanecerem relativamente isolados, seja geográfica ou culturalmente, e se suas relações com os brasileiros tenderem assim a ser em grande

parte secundárias, impessoais, a assimilação se processará vagarosamente e pode mesmo não se completar durante várias gerações".³⁴

Ora, em relação a Teutônia, ocorreram exatamente estes fenômenos sociais: em primeiro lugar, o Governo Imperial e, da mesma forma, o Governo Provincial não deram aos grupos imigrantes o apoio necessário à sua inserção no processo de formação da sociedade rio-grandense.

Em seu trabalho sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul, Jean Roche, justificando a localização dos imigrantes alemães em colônias destinadas "a balizar e preparar a abertura das estradas que subiriam o escarpamento da Serra",³⁵ procura demonstrar que havia, inicialmente, um plano maior para o estabelecimento dos estrangeiros de origem germânica para além da zona de povoamento luso-brasileira, de modo que, formando "grande número de núcleos agrícolas cujos intervalos seriam ocupados, pouco a pouco, pela população de origem nacional",³⁶ se promoveria, totalmente, a assimilação do imigrante.

É o mesmo Roche quem afirma que:

"... foi, portanto, voluntariamente que o Governo Rio-grandense espalhou os núcleos puramente germânicos... uma vez que... a homogeneidade étnica das colônias era... um alívio para a administração, pois que os imigrantes encontravam junto de seus compatriotas ajuda material e apoio moral".³⁷

No entanto, esta atitude provocou, em muitas das comunidades imigrantes, forte sentimento de grupo, formando quistos sociais que não mais se integraram, relativa ou plenamente, à sociedade gaúcha. "Pela demora com que se processou o desenvolvimento das colônias, estas foram impedidas de desempenhar o papel que o Governo lhes reservara".³⁸

As razões, portanto, que conduziram ao isolamento, seguida do fechamento de grupos sociais sobre si mesmos, à desorganização social posterior (por falta de objetivos maiores) e — projeção social visível do problema — à presença de elevada taxa social de suicídios, apresenta também raízes históricas.

2 — SUICÍDIO E INSTRUÇÃO

É claro que se pode objetar que a instrução primária não é parâmetro para avaliar o estado de instrução geral. Com freqüência, é ouvida a expressão que afirma que não é pelo fato de um grupo social ter mais ou menos analfabetos que ele é mais instruído.

Entretanto, "se o nível da cultura primária não reflete se não de um modo imperfeito o da cultura científica", ao menos está a indicar com uma certa exatidão em que medida um grupo social, considerado aqui como um todo, sente a necessidade do saber; e o sente em alto grau, a ponto de permitir, e até mesmo incentivar, a difusão dos elementos do saber junto a toda a população.

Nesse aspecto, Durkheim é enfático:

"Para pôr os meios de instrução ao alcance de toda a gente, para chegar ao ponto de abolir legalmente a ignorância, é necessário que (um grupo social) considere indispensável para a própria existência a instrução das consciências".³⁹

Veja-se que, diante da realidade, as saídas que se ofereciam aos imigrantes de origem alemã não eram muito otimistas... daí a preocupação constante em "manter as tradições, a cultura, a religião, a ligação entre as famílias", fundamental para a sobrevivência do grupo. "A língua era o instrumento".

A partir de 1860, os colonos eram incentivados pelos pastores itinerantes e pelos missionários jesuítas a manter "viva a chamada fé e da cultura", preparando os mais aptos entre eles para ensinar às crianças a ler, escrever, contar e, principalmente, a conhecer os textos bíblicos, uma vez que a fé é que os manteria unidos na adversidade.

A Lei de nº 579, de 17 de maio de 1864, vinha a confirmar essa situação (que, a longo prazo, daria espaço para o isolamento das colônias) ao rezar, no seu Art. 2º que "na falta destes... (professores particulares habilitados a lecionar as primeiras letras na língua nacional...) poderão ser engajados, no distrito em que a aula houver de funcionar, mestres que lecionem na língua que predominar".

Como, então, impedir que se formassem quistos étnicos, se o próprio Governo da Província propiciava seu surgimento? Não tínhamos professores suficientes e habilitação nem para as comunidades luso-brasileiras, como tê-los para os novos grupos imigrantes?⁴⁰

Dadas as condições de sobrevivência, bastante precárias, a que estavam submetidas as populações germânicas do interior da Província, pretender que se aculturassem, que assimilassem a cultura local, seria exigir o impossível.

Pelo Censo Demográfico do Rio Grande do Sul, realizado em 1980, os dados que se referem à instrução, nos distritos de Canabarro, Languiru e Teutônia (portanto, pouco antes de se desmembrarem do Município de Estrela para serem reunidos sob a jurisdição Municipal de Teutônia), são realmente significativos: de um total de 12.198 habitantes, excluindo-se as crianças de menos de 5 anos de idade, o número de pessoas alfabetizadas é de 10.331, ou seja, 85%,⁴¹

Por outro lado, não existem diferenças significativas entre o índice de alfabetização da área urbana em relação à área rural,⁴² não é por mero ufanismo que o Município de Teutônia se arroga o direito de possuir o menor índice de analfabetos do país.⁴³

Veja-se que a presença de núcleos urbanos com população significativa é relativamente recente, uma vez que a maioria dos habitantes do Município permanece radicada nas áreas que circundam as vilas de Canabarro, Teutônia e Languiru.⁴⁴

Qual seria, então, a idéia geradora desta valoração da instrução? Durkheim, realizando pesquisas sobre o problema, na Europa do século XIX, e comparando os países católicos com os de religião protestante, afirmava que

“se as nações protestantes deram tanta importância, foi porque julgaram necessário que cada individuo fosse capaz de ler a Bíblia”.⁴⁵

Em outro momento de sua obra, ele afirma que “a ciência é o único meio que a livre meditação possui para chegar aos seus fins”, e que “só se pode apresentar o amor pelo livre arbítrio se este for acompanhado do amor pela cultura”.⁴⁶

Ora, é exatamente na Bíblia Protestante que se afirma e

se desenvolve o conceito de livre arbítrio, pois já vimos que, em grande medida, o livre arbítrio é o veículo que conduz ao individualismo, à afirmação pessoal perante si mesmo e perante o grupo; em última análise, que conduz, em termos de conjunto, ao afrouxamento dos laços sociais e daí para a desorganização social, cuja manifestação externa mais grave é a elevação da taxa social dos suicídios.

Entretanto, não podemos concordar com Durkheim, quando diz que

“em todos os países do mundo a mulher suicida-se menos do que o homem... por ser menos instruída. Essencialmente tradicionalista, regula o seu comportamento pelos credos estabelecidos e não tem grandes necessidades intelectuais”.⁴⁷

Se, em Teutônia, o índice de suicídios é muito maior entre os homens do que entre as mulheres,⁴⁸ não deve ser porque elas “não têm grandes necessidades intelectuais”, uma vez que a instrução, no Município, não é privilégio dos elementos do sexo masculino. Devem existir outros mecanismos inibidores do suicídio feminino que, não exercendo sua ação sobre a população masculina, permite o elevado índice de mortes auto-provocadas.

Parece que o próprio Durkheim, tentando uma explicação, encontra uma parte da resposta:

“O homem que procura instruir-se e se mata, é porque a sociedade religiosa a que pertence perdeu a coesão; mas não se mata pelo fato de ser instruído”.⁴⁹

E conclui que

“nem é sequer a instrução que adquire, que desorganiza a religião; mas é precisamente pelo fato da religião estar desorganizada que nasce nele (no homem) a necessidade da instrução”.⁵⁰

Portanto, pode-se inferir destas colocações que:

1º — não é a instrução o fator determinante para a elevada taxa social de suicídios de Teutônia;

- 2º — embora o suicídio ocorra em grau muito menor entre os elementos do sexo feminino, o fenômeno não ocorre porque as mulheres sejam menos instruídas do que os os homens, naquela realidade dada;
- 3º — a instrução tem, como motivação e instrumento, a leitura e interpretação da Bíblia protestante e ambos os sexos alfabetizados com os mesmos objetivos finais: a inserção dos indivíduos numa sociedade religiosa comum;
- 4º — da mesma forma, um elevado índice de alfabetização não significa, necessariamente, elevado grau de cultura; pode servir a outros objetivos, como, por exemplo, "fechar" o grupo sobre si mesmo, na medida em que o diferencia dos demais;
- 5º — a especificidade da doutrina protestante, que permite e estimula os leitores à busca de uma interpretação pessoal dos textos sagrados, através da defesa do livre arbítrio, (com todas as conotações inerentes à proposta) leva, frente ao suicídio, em Teutônia, homens e mulheres a terem comportamentos desiguais. Seria este dado significativo para tentar entender o problema? Teriam as mulheres condições de raciocínio diferentes, para poderem apresentar, frente à liberdade de pensamento, posturas também diferentes da dos elementos do sexo masculino?

Ao que tudo indica, não podemos concluir, retomando proposta de Durkheim, que, se os elementos de análise não são suficientemente significativa para justificar a incidência de suicídios em Teutônia, talvez esteja ocorrendo ali algum fenômeno bem mais amplo e mais profundo do que as aparências o demonstram.

3 — SUICÍDIO E RELIGIÃO

Observando a incidência dos suicídios em diferentes países europeus, no século XIX, Durkheim constatou um acréscimo significativo entre as populações do norte, todas elas portadoras de nível cultural mais elevado do que as do sul e, coincidentemente, adeptos do protestantismo. Buscando inferir as relações entre estas três constantes (protestantismo-instrução-suicídio), tentou explicar os dados numéricos obtidos ao colocar:

"... se o enfraquecimento progressivo dos preconceitos coletivos e habituais leva ao suicídio e se é daí que provém a predisposição especial do suicida para este, podemos admitir os dois fatos seguintes: 1º — o amor pela cultura deve ser mais elevado nos protestantes do que nos católicos; 2º — na medida em que revela um abalo nos credos vulgares, deve, de uma forma geral, apresentar uma variação idêntica à do suicídio".⁵¹

Ajuriaguerra, analisando também o problema da religião frente ao suicídio, afirma que

"a filiação religiosa exerce notável influência preventiva... já que oferece solução a muitos problemas, pelo fato de o suicida pertencer a um grupo, especialmente ao da Igreja Católica, que se afirma por sua oposição à autodestruição".⁵²

O mesmo autor, citando H. Bakwin,⁵³ diz que, por isto, o número de suicídios é muito menor em países católicos do que em países protestantes.

Os estudos de Durkheim procurando verificar em que medida a força da religião atua sobre a taxa social dos suicídios chegou a elaborar um quadro comparativo:⁵⁴ o grupo dos católicos, isto é, da maioria dos habitantes da Baviera, é o que apresenta o menor número de suicídios. Qual seria, então, a relação entre o protestantismo e o suicídio?

Comparando os dois sistemas religiosos, pode-se observar que ambos proibem o suicídio com a mesma clareza; em ambos os cultos estas proibições têm um caráter divino: "não só sancionam (a proibição da prática do suicídio) com penas morais de uma grande severidade, como ensinam que, para lá do túmulo, começa uma nova vida, em que os homens são castigados por suas más ações; tanto o protestantismo como o catolicismo englobam o suicídio dentro destas".⁵⁵

Portanto, se o protestantismo favorece o desenvolvimento do suicídio, não é pelo fato de o considerar de um modo diferente ao do catolicismo, mas devem existir algumas características que os diferenciam, e esta diferença essencial, que de fato existe, e que o admite em proporção muito maior no protestantismo, é o livre arbítrio.

O protestantismo participa mais na elaboração de seu credo. A Bíblia é-lhe dada sem que nenhuma interpretação lhe seja imposta. "A própria estrutura do culto reformado torna sensível este estado de individualismo religioso..., o que é provado pela multiplicidade crescente de seitas de toda espécie, o que contrasta tão energicamente com a unidade individual da Igreja Católica".⁵⁶

Ao contrário, o católico recebe a fé já toda preparada, sem que se exija de sua parte qualquer colaboração crítica. O catolicismo pretende reinar sobre as conseqüências, pedindo a elas obediência cega, "embora utilizando a linguagem da razão".

Portanto, a primeira conclusão a que Durkheim e outros estudiosos do assunto chegaram a respeito das relações do suicídio com o culto protestante é a de que "a inclinação do protestantismo para o suicídio deve estar em relação com o espírito de livre arbítrio que anima esta religião".⁵⁷

Entretanto, é bom frisar novamente, o protestante não acredita menos em Deus do que o católico (nem menos na imortalidade da alma).

F. M. Rosa afirma que quanto maior a integração na crença e na prática religiosa, tanto menor a incidência do suicídio. E prossegue: "os fortes laços religiosos produzem um alto grau de organização social e a correspondente falta de desorganização social e pessoal".⁵⁸

Esse dado é confirmado por Durkheim, quando estuda o problema do suicídio entre as comunidades israelitas: a incidência é ainda menor do que entre os católicos europeus.⁵⁹

É interessante observar que na Inglaterra, onde o número de protestantes supera o dos católicos, a taxa social de suicídios é bem mais baixa do que na Alemanha; entretanto, é relativamente fácil observar, também, que a igreja protestante, naquele país, é fortemente hierarquizada e tradicional, no que se aproxima muito da Igreja Católica.

A partir destas colocações, podemos então concordar com F. M. Rosa, quando diz que

"o caráter essencialmente individualista da doutrina protestante, encorajado os juízos individuais sobre os princípios e mandamentos religiosos e toda a estrutura doutrinária decor-

rente, parecem enfraquecer a força de integração religiosa e abrir as portas ao individualismo extremado, que leva ao isolamento, tantas vezes encontrado na raiz do comportamento suicida."⁶⁰

O livre arbítrio não é, portanto, senão o efeito de uma outra causa, que surge quando os homens exigem o direito de usar sua liberdade, embora essa liberdade, em relação ao protestantismo, indique que se trata de uma Igreja menos fortemente integrada do que a católica. O livre arbítrio, em si e por si mesmo, não é fator gerador do suicídio. É que a religião representa uma sociedade, construída por um certo número de credos e práticas comuns a todos os crentes. Quanto mais estes estados coletivos são numerosos e fortes, tanto mais a comunidade religiosa está fortemente integrada, tanto mais, também, é dotada de virtude preservadora.⁶¹

Ora, a população de Teutônia se apresenta majoritariamente voltada ao culto evangélico (90%); tanto é verdade que o núcleo urbano da vila de Teutônia sequer possui, ainda, uma igreja católica; a vila de Languiru é representada por 75% de evangélicos, (IECLB) e Canabarro, por ser a zona mais industrializada, possui, em proporções semelhantes, adeptos do catolicismo e do protestantismo.⁶²

Assim, é válido concluir que a presença de uma maioria protestante no município de Teutônia é um dos fatores da problemática do suicídio na região; não pela liberdade de interpretação dos textos bíblicos, nem pelo fato de os povos de origem européia do norte serem mais dados à ciência e à cultura, mas porque a liberdade que o protestantismo viabiliza, de um lado, oportuniza, de outro, a desintegração social, via individualismo.

4 — SUICÍDIO E ECONOMIA

Michael Mulhall, visitando as colônias alemãs do Rio Grande do Sul, registrava, em 1873, suas observações a respeito da vida, da produção e do grau de integração dos colonos entre si e em relação aos demais grupos da Província.

Sobre seu perfil psicológico, emitia o seguinte juízo:

"Não são apenas laboriosos, mas também econômicos e capazes de suportar provações nos tempos difíceis".⁶³

Ao mesmo tempo, "previa" o futuro das colônias, ao afirmar que "... seu progresso [por causa daquelas qualidades] é, às vezes, lento, mas sempre certo e seguro".⁶⁴

Tentando formular um julgamento correto sobre os colonos, buscava levantar, também, seus defeitos:

"... o principal é o hábito da rotina que os torna adversos a qualquer mudança, como os métodos mais avançados de agricultura ou o uso das máquinas.

É verdade que nos Estados Unidos, imitam o que vêem ao seu redor e são levados pela onda do progresso; mas no nosso meio, que ainda não despertou realmente para tais progressos, o alemão permanece tão conservador como se o mundo nunca houvesse mudado, e, junto com sua simplicidade de vida e caráter... perpetua o sistema retrógrado da agricultura de épocas passadas".⁶⁵

Confirmando as observações de Mulhall, Jean Roche diz que o Rio Grande do Sul, ao receber alemães, no século XIX, abrigou "grande variedade de tipos"; mas, entre eles, os que possuíam "técnicas mais avançadas ou tinham outra cultura e um mais vivo espírito de iniciativa" eram os elementos oriundos das cidades, não das áreas rurais.⁶⁶

E continua, procurando esclarecer as diferenças entre esses imigrantes:

"Chegados ao Rio Grande do Sul, a maior parte deles [dos oriundos das cidades alemãs] custou a adaptar-se à vida rural; foram os primeiros a desejar estabelecer-se nas cidades, ou após um estágio nas colônias agrícolas, ou mesmo desde o desembarque...

— Os imigrantes de origem rural, por sua vez, ... apresentavam também... grande variedade de traços: os renanianos eram considerados mais inteligentes, os pomeranianos, mais trabalhadores...

Assim, desde a origem da colonização, existiu grande heterogeneidade entre os elemen-

tos humanos... provocando... com freqüência... a aglutinação dos imigrantes que tinham a mesma origem, falavam o mesmo dialeto e praticavam a mesma religião, contribuindo, [esta situação], para limitar o raio de seu horizonte de vida e a conservação de tradições familiares ou regionais; fortaleceu a tendência à segregação, que a orientação essencialmente rural da colonização favoreceu em demasia".⁶⁷

Combinadas, portanto, duas características, ou seja, a origem rural ou urbana dos grupos imigrantes, com o conhecimento e uso de maior ou menor grau de tecnologia no trabalho, os resultados, em termos de adaptação, assimilação e posterior inserção no contexto da vida rio-grandense, foram os mais diversos.

As terras que iriam se chamar Teutônia pertenciam à Fazenda Estrela, pertencente a Vito Mena Barreto. Colonizada pela La Ruhe Co., a partir de 1853, com a divisão de uma área de 4,4 léguas quadradas, resultou num conjunto de 443 lotes e 13 picadas, gradativamente ocupadas pelas levas imigrantes alemãs.⁶⁸

Numa primeira fase, a iniciativa colonizadora não foi satisfatória, apesar das solicitações do Pastor Evangélico Kleingünter: acertada a vinda de imigrantes oriundos da Vestefália, em 1869, havia apenas 21 famílias estabelecidas nos lotes, adquiridos ao longo das chamadas "linhas", que recebiam, evidentemente, nomes alemães: Glückauf, Bismarck, Moltke, Frank, Hermann, Schmitt, etc.⁶⁹

A partir de 1870, vários grupos de vestefalianos chegaram à região, de modo que, em 1878, contavam-se 2.241 imigrantes estabelecidos, ou seja, cerca de 386 famílias, compostas, em média, por 5,8 elementos.⁷⁰

Jean Roche descreve fisiograficamente a região, ao distinguir a área de colonização alemã, junto ao rio Taquari, das demais regiões ocupadas por imigrantes:

"O desfiladeiro que separa Brochier de Teutônia, as cristas que separam Garibaldi de Estrela, as que separam as águas dos afluentes do Rio Pardo das do Taquari marcam o perímetro desta região".⁷¹

Foi esta área ocupada pelos colonos que, explorando primeiro os "terraços fluviais, inundáveis e de solo particularmente fértil", desenvolveram as culturas de milho, girassol, batatas, feijão, etc. em pequenas roças; mas a produção sofre variações, em função da presença de declive: o rendimento das terras varia do simples ao dobro, entre a encosta do vale e o terraço do Taquari.⁷²

É interessante observar em que termos Michael Mulhall se referia à área específica de Teutônia, situada, geograficamente, dentro da região do Taquari:

"... como o solo é bom e a localização favorável, esta colônia promete ser um grande sucesso".⁷³

Qual a relação, portanto, entre o suicídio e a aparente possibilidade de progresso econômico de Teutônia?

Pela própria legislação, aplicada à política de terras, o imigrante só poderia adquirir lotes em dimensões progressivamente menores: enquanto as colônias das primeiras levadas recebiam, graciosamente, glebas de 77 hectares, "a área concedida aos imigrantes que se instalaram a partir de 1851 foi reduzida a 48,4 ha."⁷⁴

É preciso ver, frente a esta situação, o problema que o agrava, isto é, o direito sucessório, uma vez que o fracionamento da propriedade, de dimensões já reduzidas, entre os descendentes, acabou por provocar, a longo prazo, até mesmo sérios problemas de sobrevivência das famílias:

"No vale do Taquari... onde as terras são mais férteis, a divisão da propriedade acusa... maior ímpeto... O exemplo que mais surpreende é o de Estrela, onde as primeiras propriedades, vendidas a partir de 1853, mediam, em média, 48 hectares. Em 1920, a divisão estava muito avançada, porquanto a superfície média era de apenas 24,2 hectares. Em 1950, desceu para 15,7 hectares, nem mesmo o terço da primitiva área.

Em certos distritos, a área das propriedades é ainda inferior a essa média: em Languiru [hoje um dos distritos de Teutônia] é de 13,8 hectares".⁷⁵

Como, então, foi possível a sobrevivência em área agrícola de tamanho tão reduzido? Em primeiro lugar, pela: "qualidade das terras, [o que] tornara possível esta extrema redução da propriedade pelo aumento da exploração do solo."⁷⁶

Em segundo lugar, (e aqui é que aparece o problema do aumento da taxa social de suicídio em Teutônia), pela contenção da natalidade, visando a impedir a multiplicação de lotes cada vez menores, e, portanto, insuficientes até mesmo para a sobrevivência do grupo familiar.⁷⁷

Entretanto, dadas as normas da Igreja Protestante, o controle da natalidade só pode ser realizado por métodos naturais. Como, então, atender às exigências do grupo religioso, e, ao mesmo tempo, viabilizar uma solução para os problemas econômicos?

O médico da região, conhecedor dos problemas, em termos de saúde, coloca a gravidade da situação, ao afirmar que a continência sexual, visando a limitação do número de filhos, produz, no casal, desajustes tais que, a médio prazo, levam o homem ao alcoolismo e, em relação à mulher, a uma violenta repressão sexual.

Esse desajuste conjugal produz desajustes familiares graves. O problema, elevado a um grau que atinge a maioria das famílias da região, transforma um fato aparentemente particular em verdadeira endemia, o que resulta, em última análise, na desorganização da própria sociedade.⁷⁸

"As pequenas famílias são necessariamente efêmeras; e sem duração não há sociedade que possa ser consistente..."

... afirmar a respeito de um grupo que ele tem uma vida em comum menos intensa do que o outro, é também afirmar que ele está menos integrado: pois o estado de integração de um agregado social reflete precisamente a intensidade de vida coletiva que nele existe".⁷⁹

Ora, se a densidade familiar em Teutônia vem diminuindo gradativamente, se a taxa social de suicídios é alta, se a desorganização familiar é causada, basicamente, por motivos de ordem econômica, cristalizados numa rígida tradição, (embora as atividades e a própria divisão do trabalho em uma área

eminentemente rural exija coesão e integração), observa-se a emergência de tentativas de evasão, e uma das formas eficazes de evasão de que a sociedade dispõe é o suicídio.

Se levarmos em conta, por outro lado, a presença significativa de suicídios também entre os idosos,⁸⁰ fica evidenciada a problemática econômica da região.

“A fim de evitar o inventário, o velho proprietário burla a Lei, passando a propriedade para um de seus filhos (visando, também, a impedir o retalhamento excessivo da terra), em troca de assistência, até sua morte, o que nem sempre acontece. Sentindo-se economicamente inútil, passa a ser marginalizado dentro de sua própria casa; sem possibilidade de manter-se, sem uma aposentadoria digna, renuncia à vida, via suicídio. (Hoje esta ação está mudando, por meio da ação do FUNRURAL e da assistência médica, o que talvez venha a diminuir a taxa de suicídios entre os idosos”.⁸¹

Estas colocações, feitas diante da problemática do alto índice de suicídios de Teutônia, servem, também, como ponto de referência para outra situação peculiar: iniciando as atividades produtivas muito cedo, o jovem, motivado pela ideologia do meio, absorve o “mito do trabalho”. Por outro lado, a própria doutrina, reformada dentro do espírito do capitalismo, condiciona o grau de sucesso à intensidade do trabalho produtivo.

Ora, numa sociedade capitalista desenvolvida, como a Alemanha, por exemplo, é possível que estas duas variáveis, combinadas, produzam alguma ascensão econômica, e, em consequência, a uma elevação do “status” social.

A realidade, em Teutônia, entretanto, é bem diferente: pelas próprias características históricas de sua ocupação, a área foi previamente destinada a servir de fonte produtora de alimentos para os centros urbanos, o que determinou, desde o início, sua situação de dependência.

Acrescente-se a isso o regime de pequena propriedade rural, as dificuldades de escoamento da produção, a situação de isolamento e conseqüente fechamento do grupo social, a rigidez de costumes, a preservação de técnicas agrícolas obsoletas, a dificuldade de acumulação de capital (seja para

investir em equipamentos, seja para ampliar a propriedade) e se terá o perfil de uma sociedade que, embora com possibilidades de "progresso lento mas seguro", tem encontrado, até o momento, sérias dificuldades para a decolagem econômica.

Assim, ao atingir a idade madura sem ter obtido o tão esperado sucesso, e, ao ver que os dias futuros não apresentam perspectivas mais animadoras, constatando que seus projetos individuais não são viabilizados e que a sociedade onde está inserido não atende às suas necessidades, (uma vez que está desorganizada), o homem vê-se sufocado por pressões as mais variadas, a que não tem condições de suportar e nem delas consegue fugir.

Diante da idéia de fracasso, perante si mesmo e perante o grupo, o suicídio é solução.⁸²

Há um outro aspecto, ainda, a ser considerado e merecedor de estudos mais amplos e profundos: a imitação do gesto suicida em vários membros da mesma família. Numerosos depoimentos consideram o suicídio como estigma familiar, como se houvesse algum destino traçado dirigindo a vida do grupo (e, conseqüentemente, a sua morte).⁸³

Haveria, então, algum fator predisponente ao suicídio, entre os elementos que compõem a sociedade de Teutônia?

Schülte e Tölle, estudando o mesmo problema, sob o ponto de vista da Psiquiatria, dizem que, realmente, há não um, mas vários fatores concorrentes:

"... são suicídios ocorridos na família ou no círculo de pessoas relacionadas com o paciente (tendência de identificação), tentativas de suicídio do próprio paciente em fases anteriores, ataques repentinos de angústia, acentuado sentimento de culpa e auto-censura, manifestações amargas sobre a situação desesperada de sua vida, falta de relacionamentos pessoais, forte agressividade latente que não consegue exteriorizar-se no seu meio ambiente".⁸⁴

Enquanto presença, já constatada nos capítulos anteriores, da maioria dos fatores que conduzem a uma elevada taxa de suicídios numa sociedade como a de Teutônia, o problema da agressividade latente pode ser facilmente evidenciado:

- o "mito do trabalho", (no sentido de canalizar a energia do grupo);
- ausência de delinqüência juvenil (os jovens estudam e trabalham; têm, portanto, todo seu tempo ocupado com atividades dirigidas);
- a ausência de prostituição (dentro do modelo de repressão sexual, sexo é tabu);
- violência, tóxicos e homicídios, praticamente inexistem.⁸⁵

Entretanto, o alcoolismo é uma presença constante: ao final da jornada de trabalho diária e, especialmente, nos fins de semana, os elementos do sexo masculino se entregam ao consumo de bebidas alcoólicas em quantidades consideráveis.⁸⁶

Sabendo-se que a presença, no organismo humano, de elevado teor alcoólico, pode conduzir a comportamentos esquizofrênicos e à fuga ao convívio social e, por outro lado, a uma grande agressividade contra o meio (que não pode se manifestar, por causa dos rígidos controles que se exercem sobre o grupo) observa-se, em relação a Teutônia, freqüentes comentários de que é, precisamente, sob o efeito de um desses estados psicológicos que ocorrem os suicídios.

Embora se façam necessárias pesquisas mais profundas sobre o problema (e, veja-se, é extremamente difícil abordar o tema com os elementos da região, por razões óbvias), pode-se concluir que a economia de base rural, fundada na pequena propriedade, cujas técnicas de exploração acabaram por esgotar as terras, promove, no grupo social, graves preocupações quanto ao seu futuro; não encontrando no todo social uma sólida rede integradora, em si próprios — ou na família — as condições psicológicas para ultrapassar períodos de crise — buscam uma saída honrosa no suicídio.

CONCLUSÃO

Pela sua própria natureza, os grupos sociais não ensaiam movimentos de nomadismo, se não houver, com força propulsora, uma causa (ou mais de uma) estrutural. Da mesma forma, o indivíduo, por si só, não migra espontaneamente: fatores econômicos, via-de-regra, são causadores do fenômeno nas

sociedades em que determinadas relações de produção não mais oferecem condições para a existência de uma relativa organização social.

A Alemanha do século XIX, diante dessa mesma realidade, precisava escoar seus excedentes populacionais uma vez que se agravavam as tensões sociais, frente à expansão do capitalismo.

Por outro lado, em relação ao Rio Grande do Sul do século XIX, verificava-se a presença de uma estrutura agrária, em que as unidades produtivas dominantes (a estância) não demandavam aumento de mão-de-obra, uma vez que, sendo uma economia periférica, não exigia do estancieiro espírito empresarial nem aumento de produção, como ocorreu em São Paulo, por exemplo.

A política de colonização do Rio Grande do Sul visava, portanto, solucionar outros problemas (ao contrário do que ocorria na economia cafeeira paulista): a ocupação efetiva das fronteiras com o Prata, diante dos choques constantes com os interesses platinos, o aproveitamento econômico de áreas devolutas, o abastecimento do mercado interno, levaram o governo a adotar uma política imigratória, cuja base fundiária se caracterizou pela presença da pequena propriedade rural.

Casavam-se satisfatoriamente, portanto, os interesses do Governo Provincial (sem ferir, no entanto, os interesses dos latifundiários) com as necessidades da problemática populacional da Alemanha.

É preciso salientar, contudo, que, já nos primeiros tempos, a imigração se fez em moldes capitalistas: a Lei de Terras, de 1850, e suas reformulações posteriores (1886-1887), ao promover a venda das glebas ao imigrante, introduzia um elemento mercantil no processo de ocupação das áreas destinadas ao povoamento por elementos estrangeiros. Simultaneamente, impedia que, tanto imigrantes, como os chamados "intrusos e posseiros", penetrassem nas terras dos grandes proprietários, apossando-se delas.

Obedecendo a um processo de ocupação e povoamento através de 3 etapas básicas (segundo Paul Singer), as áreas próximas a Porto Alegre, pela relativa facilidade de acesso, obtiveram um grau de desenvolvimento maior, proporcionado, também, por uma maior coesão interna dos grupos imigrantes.

As colônias povoadas em fases posteriores, no entanto, mantiveram-se isoladas das demais, (seja de outras formações sociais de origem germânica, seja das de origem lusa ou italiana, devido às dificuldades de acesso), constituindo-se em unidades fechadas, o que permitiu a manutenção de suas características étnicas, lingüísticas e culturais.

Enquanto aspecto positivo, viabilizando a coesão interna do grupo, num segundo momento, passou a constituir-se em fator gerador de desorganização social, dada a cristalização de suas características sócio-culturais, produzindo, naquelas sociedades que não se abriram, estagnação, regressão e até mesmo desaparecimento.

Sendo a imigração um processo em que os indivíduos passam de uma sociedade para outra, uma série de situações podem emergir dessa transferência: cria-se uma expectativa de melhora nas condições de vida dos indivíduos, de ascensão social, ou, na pior das hipóteses, de manutenção da mesma posição social ocupada na sociedade de origem.

Se a nova sociedade oferecer reais possibilidades de satisfação do nível de expectativa do imigrante, o indivíduo, apesar das dificuldades iniciais, vê, no confronto entre as duas sociedades, (a de origem e a de adoção) um estímulo para adaptar-se e progredir.

Veja-se que, no caso da colonização alemã do Rio Grande do Sul, a forma de que se revestiu a cooptação dos elementos imigrantes foi a de uma intensa campanha, cujo teor era a possibilidade de progresso econômico, e, naturalmente, de ascensão social. É preciso considerar, também, que a própria filosofia do Protestantismo coloca, como indicador da salvação da alma, o sucesso individual (dentro do espírito capitalista, portanto).

Assim, evidenciava-se, desde logo, que o individualismo, o "status" pessoal, dentro das formações sociais que se instalaram no Rio Grande do Sul, a partir de 1824, seria o objetivo dominante: o somatório dos sucessos individuais e que levaria à ascensão social do grupo.

Por outro lado, deve-se considerar o modo como foram mercantilizadas as áreas ocupadas pelos imigrantes alemães: agricultores falidos em seu país de origem, ou artesãos despossuídos, frente do modelo capitalista que se instalava, não

dispunham de maiores capitais para investir na produção ou em equipamentos, de modo a desenvolver um empreendimento de maior vulto.

Se os capitais eram escassos; se as colônias estavam situadas em locais distantes, às vezes, quase inacessíveis; se o regime de pequena propriedade rural exigia, entretanto, o máximo aproveitamento da produtividade da terra, e se não havia como utilizar mão-de-obra assalariada, a solução foi incrementar a taxa de natalidade. Acelerou-se, portanto, o crescimento demográfico, viabilizando, com a utilização intensa de mão-de-obra familiar e da terra, uma agricultura de subsistência que, num segundo momento, proporcionou excedentes para o mercado.

A abertura para um mercado permitiu — em várias formações sociais de origem alemã, a maioria delas, pode-se dizer — a sua assimilação por parte da sociedade gaúcha: foram essas as colônias que alcançaram sucesso.

Outras, no entanto, seja pelas próprias condições de isolamento a que ficaram relegadas, seja pela dinâmica social interna que se cristalizou, através dos casamentos consanguíneos (com todas as conseqüências), seja pelo atraso com que se ligaram a um mercado, e, conseqüentemente, pela redução das possibilidades de sucesso econômico (e, por isso, de ascensão na escala social), a expectativa de realizar plenamente as aspirações pessoais foram frustradas.

Prende-se a essas considerações, também, o problema do direito sucessório: se, num primeiro momento, a elevação da taxa da natalidade viabilizou a exploração da terra em toda a sua plenitude, o aumento rápido da população conduziu a um fracionamento progressivo das pequenas propriedades, transformando-as em minifúndios incapazes de sustentar seus ocupantes. Paralelamente, sem meios para efetuar a recuperação do solo, seja por rotação das culturas, seja por meio de técnicas agrícolas mais modernas, ocorreu a exaustão da capacidade da terra para produzir. Esses dois movimentos, caminhando paralelamente, ao longo de mais de um século, promoveram não a realização econômica, mas um gradativo empobrecimento, seja dos indivíduos, seja das comunidades onde o fenômeno ocorreu.

Por trás desse quadro sócio-econômico, toda uma problemática tecia uma rede de desajustes, conduzindo à desorgani-

zação social: os preceitos religiosos, estimulando o sucesso pessoal, e o individualismo, através da livre interpretação dos textos bíblicos, não encontravam na realidade as respostas procuradas, retornando ao indivíduo sob a forma de frustração; a organização familiar, por sua vez, exigindo mudança em sua estrutura, frente às dificuldades de sobrevivência, promovia o aumento de desajustes conjugais e uma profunda rivalidade entre seus membros, conduzindo a um desfazimento dos laços familiares; a sociedade, como um todo, que nunca fora mais do que o meio onde os indivíduos se auto-promovem e se auto-afirmam, não respondia às necessidades dos seus componentes. Como conseqüência, o indivíduo não encontrando, nem em si próprio, nem no grupo social, religioso, familiar, nem na realização econômica, respostas para sua expectativa pessoal, passa a buscar na autodestruição uma forma de agredir a essa mesma sociedade, da qual é número e produto.

Não é, isoladamente, a presença de um determinado grau de fechamento do grupo social frente às demais comunidades gaúchas; nem o fator religioso; nem o auto-conceito de superioridade, que advém do elevado índice de alfabetização; nem o regime de pequena propriedade rural, nem a estrutura familiar precária, que determinam a presença de uma taxa de suicídios elevada, em Teutônia. É a combinação de todos estes fatores, elevados a um grau alarmante, que se pode atribuir a existência do problema.

Embora o Município seja detentor do mais alto índice de alfabetização do país; embora esteja, atualmente, diversificando a economia; embora não apresente os grandes problemas comuns nas áreas industrializadas, o problema do suicídio está a exigir a realização de estudos profundos, de modo a permitir a extirpação das raízes da anormalidade social, explicitada na forma de suicídios.

Ao que tudo indica, o suicídio em Teutônia é endêmico e, portanto, questão de saúde pública. Cabe às autoridades competentes, de posse e uso dos instrumentos que se fazem necessários, tentar impedir que uma comunidade, sem condições internas para solucionar o problema, venha a desintegrar-se totalmente, e, quem sabe, desapareça.

NOTAS

* Professora do Curso de Estudos Sociais do Centro Educacional La Salle de Ensino Superior/Canoas; mestranda em História da PUCRS.

1 PIERSON, Donald. **Teoria e Pesquisa em Sociologia**. São Paulo, Melhoramentos, s/data, p. 322.

2 IBGE. **IX Recenseamento Geral-Rio Grande do Sul: População Residente, 1980**.

3 *Ibidem*, **Propriedades Agrícolas, 1980**.

4 *Ibidem*, **Atividades Econômicas, 1980**.

| 5 DISTRITO DE TEUTÔNIA | |
|------------------------|--------------------------|
| Total de Óbitos | Porcentagem de Suicídios |
| 1967 — 25 | 8,8 % |
| 1968 — 27 | 14,81% |
| 1969 — 28 | — |
| 1970 — 24 | 16,66% |
| 1971 — 28 | 3,57% |
| 1972 — 26 | — |
| 1973 — 33 | 18,18% |
| 1974 — 18 | 16,66% |
| 1975 — 23 | 8,69% |
| 1976 — 22 | — |
| 1978 — 31 | 12,91% |

Obs. Em dez anos (67-77), 275 óbitos, dos quais 7.45% devidos ao suicídio.

Fonte: Cartório Dreyer — Teutônia

6 ANTUNES, Celso. "Subdesenvolvimento e Suicídio". **DCI-Diário Comércio e Indústria**, São Paulo, 14 e 15 de junho de 1979, p. 6.

7 DURKHEIM, Emile. **O Suicídio: estudo sociológico**. Lisboa, Editorial Presença, 1973, p. 14.

8 ROSSI, L. **Dicionário Enciclopédico de Teologia Moral**. Madrid, Ediciones Paulinas, 1973, p. 1028.

9 *Ibidem*, p. 1028.

10 DURKHEIM, *op. cit.*, p. 14.

11. ROSSI, *op. cit.*, p. 1028.

12 DURKHEIM, *op. cit.*, p. 22.

13 ROSSI, *op. cit.*, p. 1025.

14 DURKHEIM, *op. cit.*, p. 348.

15 *Ibidem*, p. 349.

16 *Ibidem*, pp. 356-7.

17 ROSA, Felipe A. de Miranda. **Patologia Social**. São Paulo, Zahar, 1966, pp. 24-44.

18 *Ibidem*, pp. 154-5.

19 IBGE. **IX Recenseamento Geral: População Alfabetizada, 1980**.

20 *Ibidem*, **Propriedades Agrícolas**.

21 LANDO, A. M. e BARROS, E. C. **A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul — Uma interpretação sociológica**. Porto Alegre, Movimento, 1981, p. 60.

22 *Ibidem*, p. 60.

23 *Ibidem*, p. 60.

24 ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Globo, 1969, p. 19.

25 **Relações sociais em Teutônia**

| Relações Sociais/Etnias | Alemães | Lusos | Morenos | Indiferente | Total |
|-------------------------|----------|--------|---------|-------------|-------|
| 1 — Casamento | 45 (72%) | 2 (3%) | 0 (0%) | 16 (25%) | 63 |
| 2 — Amizade | 34 (54%) | 3 (5%) | 0 (0%) | 26 (41%) | 63 |
| 3 — Vizinhaça | 37 (58%) | 3 (5%) | 0 (0%) | 23 (37%) | 63 |
| 4 — Trabalho | 32 (51%) | 3 (5%) | 0 (0%) | 28 (44%) | 63 |

Fonte: Pesquisa de Campo: Teutônia, 1983

26 Fonte: Pesquisa de campo, Teutônia, 1983 (entrevistas).

27 Depoimento do Pastor Edgar Humes — Paróquia Evangélica de Teutônia IECLB, 1983.

28 Depoimento do Sr. Olécio Lied, Lajeado, 1983.

29 Depoimento do Dr. Hércio Pegas, Teutônia, 1983.

30 A força da presença germânica e germanizante é tão intensa que uma das pessoas entrevistadas, de cor negra, declarou admitir somente casamentos com elementos de origem alemã entre os membros de sua família.

31. **Perfil dos entrevistados:**

| | | | | | | |
|--------------|---|----------|--------------|---|-------------|----|
| 15 — 20 anos | — | 19 (30%) | 41 — 45 anos | — | 7 (11,0%) | |
| 21 — 25 anos | — | 3 (4,8%) | 46 — 50 anos | — | 5 (8,0%) | |
| 26 — 30 anos | — | 7 (11%) | 51 — 55 anos | — | 2 (3,3%) | |
| 31 — 35 anos | — | 5 (8,0%) | 56 — 60 anos | — | 5 (8,0%) | |
| 36 — 40 anos | — | 5 (8,0%) | + de 60 anos | — | 5 (8,0%) | |
| | | | | | Total | 63 |

Fonte: Pesquisa de campo, Teutônia, 1983

32 **Perfil dos entrevistados: profissão**

| | | | | | | |
|--------------|---|------------|-------------|---|-------------|----|
| Agricultor | — | 16 (25,3%) | Mecânico | — | 1 (1,6%) | |
| Bancário | — | 1 (1,6%) | Motorista | — | 3 (4,9%) | |
| Chefe Cecção | — | 7 (11,0%) | Operário | — | 2 (3,2%) | |
| Comerciante | — | 6 (9,5%) | Pedreiro | — | 1 (1,6%) | |
| Contador | — | 1 (1,6%) | Professor | — | 4 (6,3%) | |
| Dentista | — | 1 (1,6%) | Secretário | — | 3 (4,9%) | |
| Do Lar | — | 5 (8,0%) | Sup. Segur. | — | 1 (1,6%) | |
| Estudante | — | 13 (20,6%) | Aposentado | — | 2 (3,2%) | |
| Industrial | — | 2 (3,2%) | | | | |
| | | | | | Total | 63 |

Fonte: Pesquisa de Campo, Teutônia, 1983.

33 PIERSON, *op. cit.*, p. 207.

34 *Ibidem*, p. 207

35 ROCHE, *op. cit.*, p. 112.

36 *Ibidem*, p. 112.

37 *Ibidem*, p. 112.

38 *Ibidem*, p. 112.

39 DURKHEIM, *op. cit.*, p. 174.

40 Era comum, até há poucos decênios, encontrar pessoas de cor, falando perfeitamente a língua alemã, sem conhecer a língua-pátria.

41 IBGE. **Recenseamento Geral: População Alfabetizada.** 1980.

42 Perfil dos entrevistados: rural x urbano

| | | |
|--------------------|---|-----------|
| URBANOS | — | 47 (75%) |
| RURAI S | — | 16 (25%) |
| TOTAL | | 63 |

Fonte: Pesquisa, de campo, Teutônia, 1983.

43 Perfil dos entrevistados: grande instrução

| | | |
|--------------------|---|------------------|
| SUPERIOR | — | 4 (6%) |
| MÉDIA | — | 22 (35%) |
| PRIMÁRIA | — | 35 (56%) |
| ANALFAB. | — | 2 (3%) |
| TOTAL | | 63 (100%) |

Fonte: Ibid.

44 IBGE. População Residente, 1980.

45 DURKHEIM, op. cit., p. 174.

46 Ibidem, p. 70.

47 Ibidem, p. 176.

48 SUICÍDIOS — TEUTÔNIA — 1970-1980

| 9.1 — LOCALIDADE | FREQUÊNCIA | | |
|--------------------|------------|---|----------------|
| Linha Clara | 3 | — | 9,4% |
| Linha Frank | 3 | — | 9,4% |
| Linha Harmonia | 9 | — | 28,2% |
| Linha Schmitt | 4 | — | 12,5% |
| Linha Wink | 1 | — | 2,9% |
| Olavo Bilac | 4 | — | 12,5% |
| Paisandu | 2 | — | 6,3% |
| Silveira Martins | 3 | — | 9,4% |
| Vila Teutônia | 3 | — | 9,4% |
| TOTAL | 32 | | 100,00% |

| 9.2 — I D A D E | FREQUÊNCIA | | |
|--------------------|------------|---|----------------|
| — de 30 anos | 2 | — | 6,3% |
| — 31 a 40 anos | 7 | — | 21,9% |
| — 41 a 50 anos | 3 | — | 9,4% |
| — 51 a 60 anos | 5 | — | 15,7% |
| — 61 a 70 anos | 10 | — | 31,0% |
| — 71 anos | 5 | — | 15,7% |
| TOTAL | 32 | | 100,00% |

| 9.3 — S E X O | FREQUÊNCIA | | |
|--------------------|------------|---|----------------|
| MASCULINO | 28 | — | 87,5% |
| FEMININO | 4 | — | 12,5% |
| TOTAL | 32 | | 100,00% |

| 9.4 — RELIGIÃO | | FREQUÊNCIA | |
|--------------------|-----------|------------|---------------|
| EVANGÉLICA (IECLB) | 31 | — | 96,9% |
| CATÓLICA | 1 | — | 3,1% |
| TOTAL | 32 | — | 100,0% |

| 9.5 — ESTADO CIVIL | | FREQUÊNCIA | |
|--------------------|-----------|------------|---------------|
| Casados | 24 | — | 75,0% |
| Solteiro | 5 | — | 15,6% |
| Viúvos | 3 | — | 9,4% |
| TOTAL | 32 | — | 100,0% |

| 9.6 — TIPOLOGIA | | FREQUÊNCIA | |
|--------------------|-----------|------------|---------------|
| ENFORCAMENTO | 23 | — | 71,9% |
| AFOGAMENTO | 8 | — | 25,0% |
| ARMA DE FOGO | 1 | — | 3,1% |
| TOTAL | 32 | — | 100,0% |

Fonte: Pesquisa de campo, Cartório de Teutônia, 1983

49 DURKHEIM, op. cit., p. 179.

50 Ibidem, p. 180.

51 Ibidem, p. 171.

52 AJURIAGUERRA, J. de Manuel de Psiquiatria Infantil. Barcelona, Toray-Masson, 1977, p. 433.

53 Ibidem, p. 434.

54 Suicídio: Províncias bávaras (1867-75).

| Províncias de minoría católica (menos de 50%) | Suicídios por milhão de habitantes | Províncias de maioria católica (50 a 90%) | Suicídios por milhão de habitantes | Províncias em que há mais de 90% de católicos | Suicídios por milhão de habitantes |
|---|---------------------------------------|--|---------------------------------------|--|---------------------------------------|
| Palatinato do Reno | 167 | | | Alto Pala- tinato | 64 |
| Francónia Cen- tral | 207 | Baixa- -Francónia | 157 | Alta - Ba- viera | 114 |
| Alta-Francónia | 204 | Suávia | 118 | Baixa - Ba- viera | 49 |
| Média ... | 192 | Média ... | 135 | Média ... | 75 |

Fonte: Durkheim, op. cit., p. 158-9.

- 55 *Ibidem*, op. cit., p. 104.
56 *Ibidem*, p. 165.
57 *Ibidem*, p. 168.
58 ROSA, op. cit., p. 159.
59 DURKHEIM, op. cit., p. 161.
60 ROSA, op. cit., p. 160.
61 É pelo fato de a Igreja Protestante não possuir o mesmo grau de consistência que as outras religiões, que não exerce a mesma ação moderadora sobre o suicídio. DURKHEIM, op. cit. p. 182.
62 Depoimento do Prof. José Carlos Müller, Canabarro, 1983.
63 MULHALL, Michael. *O Rio Grande do Sul e suas Colônias Alemãs*. Porto Alegre, DAC-SEC/BELS, 1974, p. 120.
64 *Ibidem*, p. 120.
65 *Ibidem*, p. 121.
66 ROCHE, op. cit., p. 157.
67 *Ibidem*, p. 158.
68 *Ibidem*, p. 5 (Encarte)
69 *Ibidem*, p. 5 (Encarte)
70 No transcurso da primeira fase, a de fundação, cada uma das colônias foi constituída de casais jovens, cuja fecundidade aumentou ao mesmo tempo que os recursos... mas à medida em que se sucedem as gerações "brasileiras", diminui sensivelmente a taxa de natalidade. ROCHE, op. cit., p-165-6.
71 *Ibidem*, p. 182.
72 *Ibidem*, p. 183.
73 MULHALL, op. cit. p. 118.
74 ROCHE, op. cit. p. 321.
75 *Ibidem*, p. 325-6.
76 *Ibidem*, p. 326.
77 Veja-se que o Município possui uma área de 273 km² e 2.089 propriedades agrícolas minifundiárias.
78 Depoimento do Dr. Hércio Pegas, Teutônia, 1983.
79 DURKHEIM, op. cit., p. 225.
80 Ver nota 48.
81 Depoimento do Dr. Hércio Pegas, Teutônia, 1983.
82 Ver nota 48.
83 Depoimentos: Sr. Erno Wietholter e Sr. Olécio Lied, Lajeado, 1983.
84 SCHÜLTE, W. e TÖLLE, R. *Manual de Psiquiatria*. São Paulo, 1981, E. P. U. — Springer, p. 221.
85 Depoimento Prof. José Carlos Müller, Canabarro, 1983.
86 Depoimento Sr. Olécio Lied, 1983.